

Millie Bobby Brown é a vítima da vez da sexualização de meninas, por Nana Soares

A sociedade que adora proteger as crianças não hesitou em sexualizar a adolescente

[\(Emais, 02/11/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Você já deve ter visto o rosto de Millie Bobby Brown por aí. A atriz britânica foi revelada no papel de “Eleven” na série Stranger Things, um sucesso estrondoso de público. Atualmente com 13 anos, desde que foi alçada à fama a atriz já realiza diversos ensaios de moda.

Em outubro dois fatos chamaram a atenção ao redor da atriz: na premiere da segunda temporada da série, [Millie apareceu com um visual mais adulto](#), com roupa de couro, salto, muita maquiagem e cabelos alisados – em um forte contraste com sua aparição de um ano antes, bem mais infantil e adequada para sua idade. Nesse contexto, foi regatada a edição de agosto da revista W, que incluiu a estrela de “Stranger Things” em sua lista de celebridades que justificam “porque a TV está mais sexy do que nunca”, mesmo que Millie Bobby Brown só tenha 13 anos de idade.

Essa sequência de eventos abriu os olhos de muita gente para a “adultização” e erotização pela qual passa a atriz há algum tempo. Mas embora seja a vítima da vez, ela não é a primeira e nem a última a passar por isso. Antes de Millie Bobby Brown, atrizes como Emma Watson e, no Brasil a cantora Sandy já estiveram debaixo dos mesmos holofotes que as forçavam para a vida adulta e para o olhar masculino. Todas elas constavam em listas de mulheres mais sexys muito antes de chegar à maioridade.

Para alguns, isso é um sinal de que as meninas amadurecem mais rápido. Eu discordo, vejo muito mais como um sinal de que a violência contra a mulher, onde se inclui a objetificação, começa perigosamente cedo. Elas são desde a mais tenra idade tratadas como musas e ícones. São pessoas cuja “beleza que

salta aos olhos” é repetidamente explorada em ensaios sensuais, perguntas indiscretas e invasão de privacidade.

A respeito de como essa cultura se manifesta no Brasil, há um dado assustador: o [levantamento de um site pornográfico](#) constatou que “novinha” e “adolescente” estão entre as palavras mais buscadas pelos nossos usuários. Não é coincidência nenhuma em um país que tem um número recorde de adolescentes grávidas, [de meninas casadas antes dos 18 anos](#), que perpetua ditados populares sobre meninas aptas para o sexo, normaliza relações familiares como sexuais (exemplo: o imaginário sobrinha/tio) e que põe adolescentes na lista de mais sexys em votação de revista masculina.

A campanha #MeuPrimeiroAssedio, que tomou as redes sociais em 2015 com relatos sobre abusos e assédio sexual na infância, teve a assustadora média de [9,7 anos como a idade em que as meninas sentiram-se objetificadas pela primeira vez](#).

Não há ótica que torne isso aceitável. Menores de idade, sejam meninas ou meninos, são protegidos pela legislação e deveriam ser tratados como tal. Mas o que acontece é que aos meninos a inocência é permitida por muito mais tempo (e isso é inclusive usado como justificativa para seus assédios) enquanto elas há já estão sendo vistas como mulheres, independente de sua vontade. Estão sendo violentadas e reviolentadas com o discurso de que provocam, de que elas é que não se comportam como deveriam em sua faixa etária.

A culpa obviamente não é das garotas sexualizadas precocemente, mas sim de toda uma cultura que alimenta e permite que elas sejam assim vistas - o que fica muito nítido no caso das celebridades. Por isso nunca é demais repetir:

Millie Bobby Brown ainda é uma criança.

As “meninas de hoje em dia” NÃO provocam o olhar masculino (comentário muito frequente dos leitores do blog)

As “meninas de hoje em dia” NÃO estão saidinhas ou pedindo qualquer tipo de assédio/violência.

As “meninas de hoje em dia” estão sim imersas em uma cultura que lhes dá pouco poder de escolha mas pede muita coisa em troca.

As “meninas de hoje em dia” são, acima de tudo, meninas. Chega de tratá-las de outra maneira.

Nana Soares é jornalista e focada em direitos da mulher. Quando não está escrevendo, faz consultoria para pessoas e empresas que querem fazer do mundo um lugar mais igualitário. É co-autora da campanha contra abuso sexual do Metrô de São Paulo e quer mostrar que feminismo não é palavrão.

‘Caso Weinstein não me choca’: mulheres falam sobre assédio na indústria brasileira do entretenimento

A diretora de cinema Marina Person conta que, na primeira vez que foi contratada para fazer uma propaganda, com menos de 20 anos, o fotógrafo a agarrou logo após a sessão de fotos.

[\(BBC Brasil, 12/10/2017 - acesse no site de origem\)](#)

“Eu fiquei sem entender o que estava acontecendo e não tive coragem de contar para minha mãe, por medo de que ela não me deixasse nunca mais trabalhar com isso”, afirma ela, que começou a carreira como modelo e VJ da MTV.

Conhecendo dezenas de histórias como a dela, Person diz que, infelizmente, não ficou nem pouco chocada ou surpresa ao ler sobre o caso recente do produtor de cinema americano Harvey Weinstein, acusado por mais de vinte

atrizes, modelos e assistentes de assédio sexual.

Leia mais:

[Sim, a TV brasileira também tem assediadores como Weinstein \(Terra, 14/10/2017\)](#)

[Quem são as atrizes que acusam Harvey Weinstein de assédio - e até estupro \(BBC Brasil, 12/10/2017\)](#)

O jornal The New York Times e a revista New Yorker publicaram neste mês reportagens com relatos e documentos indicando que Weinstein - um dos executivos mais poderosos de Hollywood - havia estuprado três mulheres e praticado assédio sexual repetidamente durante quase 30 anos.

Desde então dezenas estrelas do cinema - incluindo atrizes como Angelina Jolie e Gwyneth Paltrow - foram a público contar como o produtor havia se aproveitado da sua posição e poder para assediá-las.



As atrizes Gwyneth Paltrow, Angelina Jolie, Cara Delevingne, Lea Seydoux, Rosanna Arquette e Mira Sorvino foram algumas das que contaram como foram assediadas por Harvey Weinstein (Foto: Getty Images)

Weinstein, que tem negado acusações de estupro, foi demitido de sua companhia, a Weinstein Company, e deixado pela mulher, a estilista Georgina

Chapman, com quem era casado havia dez anos.

No Brasil, o debate sobre assédio pegou fogo no início do ano, quando o ator José Mayer foi acusado de assédio pela figurinista Su Tonani, que trabalhava na produção de uma novela da TV Globo na qual ele atuava. O ator inicialmente negou a acusação, mas depois publicou uma carta pedindo desculpas. A emissora emitiu um comunicado dizendo que condenava qualquer atitude do tipo e colocou o ator na geladeira.

Tais polêmicas levantam a questão: o assédio é um problema mais comum na indústria do entretenimento do que em outros setores da economia?

Segredo público

O caso de Harvey Weinstein tem sido apresentado pelas vítimas como um “segredo público”.

“Todo mundo sabia e ninguém fez nada a respeito”, escreveu a atriz francesa Lea Seydoux no jornal britânico The Guardian. Ela relatou que o produtor a agarrou enquanto os dois conversavam durante uma reunião que deveria ser de negócios.

A produtora Malu Andrade, que organiza o grupo Mulheres do Audiovisual - Brasil, conta que recebe diariamente relatos de assédio ocorridos no país tão chocantes quanto os das vítimas do produtor americano.

“É uma situação vivida por todas. Desde estagiárias até mulheres grávidas, que têm cargos de liderança”, diz ela.

No entanto, diz Andrade, todas as vezes em que as colegas incentivam as mulheres a denunciar abertamente, falar sobre o ocorrido com jornalistas, elas preferem ficar em silêncio.

“Elas se sentem muito inseguras. O mercado é pequeno, todo mundo se conhece, existe um medo latente e muito real de não conseguir emprego por vingança dos assediadores ou de ser prejudicada de outras formas.”

Tanto para Malu Andrade e Marina Person quanto para outras diretoras e produtoras do cinema no Brasil ouvidas pela BBC Brasil, entretanto, a

sensação de que o assédio é maior na indústria audiovisual é equivocada.



“Há assédio em todos os lugares - no cinema, na propaganda, no mundo corporativo, nas escolas e até nas famílias”, diz a diretora Marina Person (Foto: Divulgação)

“Não porque o problema seja pequeno no cinema e na TV - é muito grande -, mas porque ele é extremamente grave em todos os setores da sociedade”, afirma Person.

“Há assédio em todos os lugares - no cinema, na propaganda, no mundo corporativo, nas escolas e até nas famílias, mas ninguém quer falar disso”, diz ela, cuja produtora, a Mira Filmes, lançou há algum tempo o filme *Precisamos Falar de Assédio*.

“Antes de estar no cinema eu trabalhei em várias áreas e passei por situações de assédio em todas”, corrobora Rita Buzzar, roteirista de filmes como *Olga e Budapeste*.

Sob os holofotes

Segundo profissionais da indústria, casos como o de Harvey Weinstein chamam mais atenção pelo fato de as pessoas envolvidas serem mais famosas, terem mais dinheiro e mais acesso aos meios de comunicação.

“Em quantas empresas isso não acontece, e as mulheres não falam porque têm medo, porque precisam do emprego?”, questiona Buzzar.

“Isso sobressai mais no audiovisual porque os nomes são famosos, as pessoas estão na mídia. E é muito bom que isso aconteça, porque pode ajudar outras mulheres que acham que não podem ter voz, dar coragem para que elas também falem”, afirma a roteirista.



As globais Cris Vianna, Drica Moraes, Mariana Xavier, Alice Wegmann, Astrid Fontenelle e Sophie Charlotte divulgaram imagens suas com camiseta de campanha (Foto: Reprodução/Instagram)

“A gente vê casos em todos os lugares, escritórios de advocacia, empresas de outras áreas. E muitas vezes outros setores conseguem abafar ainda mais”, diz Tatiana Quintella, que produziu filmes como *A Mulher Invisível* e *O Homem do Futuro* e foi executiva de multinacionais como a Warner Bros e a Columbia TriStar. Ela diz que também passou por inúmeras situações em que teve que enfrentar assediadores.

“Esse levante feminista recente contra esse tipo de absurdo está colocando o nosso setor sob o holofote, mas infelizmente não é algo da nossa área, é algo que se manifesta em tudo quanto é lugar, ninguém está livre”, diz Vânia Catani, produtora por trás de longas como *O Filme da Minha Vida* e *O*

Palhaço.

Ela conta que nunca recebeu relatos de problemas em sua produtora - em que grande parte das funcionárias são mulheres -, mas pessoalmente passou por uma situação “absurda”.

“No Rio Content Marketing (feira do setor), fui cumprimentar uma pessoa do governo que conheço há anos e ele chupou minha orelha e deu um tapa na minha bunda, dizendo que eu estava gostosa”, conta. “Eu falei para ele que aquilo era um absurdo e até fiz um post no Facebook. Todo mundo sabe quem ele é”, conta ela, que prefere não revelar o nome do homem envolvido.

Representação

Para a cineasta Tata Amaral, a grande questão envolvendo assédio e audiovisual tem a ver com a forma como as mulheres costumam ser retratadas - apagadas ou objetificadas - em obras de cinema e TV.

“O assédio é apenas um sintoma horroroso da cultura de estupro, e as produções contribuem com isso. Você liga a TV no domingo e vê como as mulheres são objetificadas. A TV mostra uma bunda o dia inteiro. Uma mulher sem rosto, sem cabeça, só a bunda”, afirma.

“A representação das mulheres é quase sempre feita por homens, é um olhar masculino e sexualizado que contribui para essa cultura de estupro”, acrescenta, citando um dado da Ancine que diretoras e roteiristas mulheres são apenas 19% da indústria audiovisual no Brasil.



A cinematógrafa Amara Barroso (canto direito) com camiseta do coletivo “Deixa Ela em Paz” (Foto: Divulgação)

A procuradora Sofia Vilela de Moraes e Silva, vice-coordenadora do núcleo pela eliminação da discriminação do Ministério Público do Trabalho, acrescenta mais uma camada ao debate. Embora reconheça que o problema realmente existe em todas as áreas, ela afirma que algumas profissionais têm sim uma exposição maior ao assédio.

“Devido ao machismo, há uma fetichização e objetificação de algumas profissões que piora a situação para algumas profissionais”, afirma ela, que cita profissões como secretárias, enfermeiras, aeromoças, garçonetes, além de atrizes e modelos, entre as mais impactadas.

“Profissionais que lidam com o público sofrem violação não só dos empregadores, mas também dos clientes”, diz Vilela.

Dados imprecisos

O caso de José Mayer gerou a campanha #ChegaDeAssédio. Atrizes e funcionárias da Globo chegaram a usar camisetas com os dizeres “Mexeu com uma, Mexeu com todas”.

As mobilizações vão além do segmento audiovisual. Há movimentos, por

exemplo, como o “Deixa Ela em Paz”, coletivo feminista de intervenções urbanas que luta contra a discriminação de gênero e pela autonomia das mulheres.

“Quando comecei na carreira, sempre tinham brincadeiras, comentários. Só o fato de você não poder usar a roupa que quer porque os caras não respeitam já é uma agressão”, diz a cinematógrafa Amanda Barroso.

Apesar da comoção, não há dados exatos sobre o quanto o problema é comum no ambiente de trabalho no Brasil.



José Mayor foi pivô de escândalo de assédio na TV Globo. (Foto: Globo/João Miguel Júnior)

Circula pela internet um dado atribuído à OIT (Organização Internacional do Trabalho) de que 52% das mulheres teriam sofrido assédio no emprego. No entanto, a entidade informou à BBC Brasil que a informação é falsa, e que não tem nenhuma pesquisa que aponte esse ou outro número sobre assédio sexual no ambiente de trabalho no Brasil.

Segundo a promotora Sofia Vilela de Moraes e Silva, é difícil ter um panorama do problema em números porque, além de não haver pesquisas confiáveis, casos de assédio são muito subnotificados.

“As pessoas têm receio de falar, medo de perder o emprego, de serem alienadas. A gente ouve dezenas de relatos, mas sabe que são raros os casos que chegam a órgãos externos às empresas ou ao Ministério Público Trabalho. O que alcançam a Justiça são menos ainda”, afirma ela.

Além, disso, diz, o crime acaba não sendo tão investigado ou punido internamente pelas empresas como crimes contra seu patrimônio, como um furto ou diferença de caixa.

A violação pode acontecer com ambos os sexos, mas a grande maioria das vítimas são mulheres, segundo o Ministério Público do Trabalho. E os agressores costumam ser reincidentes.

“É muito raro casos em que o homem faz isso só uma mulher específica. Em geral o comportamento se repete”, diz a procuradora.

Segundo ela, os homens têm um papel importante não só em manter a própria conduta correta. “Eles precisam topa ser testemunhas em processos e a têm a responsabilidade de não contribuir para um ambiente hostil”, afirma.

O assédio sexual é crime no Brasil. Ele é definido pelo Código Penal como um ato em que uma pessoa se aproveita de sua condição de superior hierárquico ou de posição de poder inerente ao seu cargo para obter forçosamente uma vantagem sexual.

Quando a vítima não está em uma situação de desvantagem em relação ao abusador, a prática não pode ser considerada crime de assédio, mas isso não significa que a conduta não possa ser punida.

De acordo com o Ministério Público do Trabalho, a empresa pode responder a ações trabalhistas se não tomar uma atitude.

“Ela tem a obrigação de garantir um ambiente seguro e, portanto, responsabilidade por assédios praticados por seus funcionários”, diz a procuradora Sofia Vilela.

Letícia Mori

#FoiPretaQuemFez: Cinco roteiristas dos EUA

Negras que vem fazendo a diferença na sala de roteiros da indústria do entretenimento estadunidense

[\(OperaMundi, 16/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Mais um vídeo da série #FoiPretaQuemFez, dessa vez listando 5 roteiristas negras dos EUA. Para acompanhar o canal é só clicar [aqui](#).

Autores falam sobre a ausência

de negros na dramaturgia: “Difícil admitir”

O RD1 convidou os autores Walcyr Carrasco, Duca Rachid e Renata Dias Gomes para uma discussão sobre a ausência de personagens negros nas novelas.

[\(RD1, 20/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Apesar dos recentes avanços, há poucos atores negros em destaque na televisão, e muitas vezes eles ocupam papéis de subalternos e são escalados para arquétipos específicos.

Atualmente preparando a sinopse de sua próxima trama das 21h na Globo, Walcyr foi responsável por emplacar a primeira protagonista negra em uma novela brasileira quando escreveu [“Xica da Silva”](#), em 1996. Apesar de retratar a vida real da escrava, a TV Manchete resistiu em escalar uma atriz negra para o papel e chegou a propor intérpretes brancas com peles bronzeadas para dar vida à personagem, fato que não foi aceito pelo autor.

Carrasco, no entanto, afirma que nem todos os personagens negros de suas novelas foram escritos para serem interpretados necessariamente por atores negros, como geralmente acontece na dramaturgia, mas admite que a diversidade étnica é ignorada em grande parte das produções.

A opinião do dramaturgo é parecida com a da colega de emissora Duca Rachid. Autora de novelas como “Cordel Encantado” (2011), “Cama de Gato” (2009) e “O Profeta” (2006), ela acredita que além da falta de atores negros, há a ausência de autores vindos de outras realidades, e a televisão precisa reeducar o telespectador. *“[É preciso] dar a ele, inclusive, o que ele ainda não sabe que quer”*, opinou. Recentemente, [a Globo cancelou a novela “O Homem Errado”](#), que Duca escrevia com Thelma Guedes para o horário nobre, por considerar a sinopse ousada.

Neta dos autores Dias Gomes (1922-1999) e Janete Clair (1925-1983), Renata Dias Gomes também acredita que a falta de representantes negros reflete a

sociedade em que vivemos, e afirma que se o autor não definir a etnia de determinado personagem, dificilmente a equipe de direção pensará em um ator negro para o papel, o que não ocorre com atores brancos. Para a escritora, a televisão carece de estrelas negras justamente por conta da falta de oportunidade.



Para autores, “Mister Brau” representa um avanço na busca por igualdade na TV (Foto: Divulgação / TV Globo)

Ainda há muito pouco espaço para atores negros nas novelas. No entanto, vem surgindo produções em que os negros foram destaques recentemente, como em [“Mister Brau”](#) e “Justiça”. Houve um avanço?

Walcyr Carrasco: Há um avanço, mas acredito que ainda pequeno. Boa parte das produções não têm papéis negros de destaque.

Duca Rachid: Sim, acho que sim. “Mister Brau”, sobretudo, é um bom exemplo disso. Mas acho que ainda falta avançar muito.

Renata Dias Gomes: Olhando a TV hoje, percebemos alguns avanços em

relação a anos atrás. Os avanços vêm acontecendo bem lentamente. Ainda há um caminho enorme a ser percorrido. O racismo no Brasil é estrutural. Está em todos os lugares, em todas as camadas da sociedade. Não é um problema só da TV.



Aline Dias foi escalada para um papel em que não exigia atriz negra (Foto: Divulgação / TV Globo)

Recentemente, [a atriz Aline Dias afirmou ao RD1](#) que sua personagem em “Malhação” não foi idealizada para ser negra, e que ela conquistou o protagonismo da trama por conta de seu talento. Quando um autor cria um personagem, geralmente a etnia é pensada antes da escalação do ator? Porque existe tanta falta de personagens negros?

Walcyr: O autor às vezes pensa na etnia, às vezes não. Óbvio que se a personagem for uma escrava, a questão da etnia é importante. Se não for um personagem cuja história dependa da etnia, o importante é que seja um bom personagem. A falta de bons personagens negros reflete, na minha opinião, a

discriminação a que os negros são submetidos em todo país. Em “Eta Mundo Bom!”, por exemplo, eu tinha o personagem do garoto Pirulito, que no filme “Candinho”, de Mazzaropi, que inspirou a novela, foi feito por um branco. Eu resolvi botar um menino negro, e tivemos uma grande interpretação de JP Rufino.

Duca: Depende muito da história. Algumas histórias exigem que o ator seja negro, japonês, loiro, tenha sotaque, etc. Outras não. Acho que a falta de personagens negros ainda é um reflexo da falta de protagonismo do negro na nossa sociedade, infelizmente. Já avançamos bastante. Mas ainda falta avançar muito. Eu acho que faltam inclusive autores negros trabalhando na TV e no cinema. É preciso dar voz a esses autores. Que eles tragam histórias das suas realidades. Isso é muito importante. Só vai contribuir para a diversidade e qualidade da nossa dramaturgia.

Renata: Isso depende bastante e não sei falar por outros autores. O que vejo em geral é que se o autor não marca que o personagem precisa ser negro, dificilmente as outras pessoas da equipe pensarão num ator negro. De qualquer forma, hoje no Brasil ser negro inevitavelmente impacta na vida da pessoa e com isso também impactará na vida do personagem. Acredito que a falta de personagens negros se deve a diversos fatores. Um deles é o fato do “pensamento branco” ser dominante. Como falei antes, se não estiver marcado no perfil que tal personagem é negro, dificilmente produção de elenco ou direção pensarão num ator negro. Já para o ator branco, isso não precisa estar escrito. A falta de oportunidade para atores negros faz também com que existam menos estrelas negras do que brancas. Pra mim isso vai começar a mudar de verdade quando tivermos mais autores negros também. Precisamos abrir essas oportunidades para eles e, principalmente, ouvi-los.



Autores comentam casos de racismo envolvendo artistas negros nas redes sociais (Foto: Reprodução)

À medida que artistas negros ganham destaque na TV, aumentam casos de racismo nas redes sociais. Como você avalia essas manifestações?

Walcyr: Elas expressam o racismo de maneira horrível. Eu me arrepio quando vejo algo assim acontecer.

Duca: É difícil pra gente admitir, mas existe um pensamento extremamente retrógrado muito atuante hoje não só no Brasil, mas no mundo. É triste, mas é real. Talvez nas redes sociais essas manifestações sejam mais agudas. É um meio de expressão ainda novo. As pessoas ainda não sabem lidar muito bem com ele, não têm a dimensão da exposição a que estão sujeitas, se julgam protegidas por um falso ambiente privado, por um falso anonimato. Mas infelizmente o racismo, a homofobia, o misoginismo, não estão só nas redes. Estão nas ruas. Estão em toda parte.

Renata: O Brasil é um país racista. Quem é negro percebe isso no dia a dia

inevitavelmente. As redes sociais só estão escancarando isso.



Personagens estereotipados limitam a busca por diversidade na televisão
(Foto: Reprodução)

Você acredita que a dramaturgia precisa se esforçar para criar formas de representar todas as pessoas?

Walcyr: Eu, como escritor, acredito que tenho responsabilidade social. Há situações a denunciar, e à medida que envelheço, considero isso mais importante.

Duca: Sempre. A dramaturgia tem que dar opções ao público. Dar a ele inclusive o que ele ainda não sabe que quer. Mas que vai querer. Vai gostar de ver. Só não sabe ainda disso, porque nunca viu. E trazer outras vozes também. Vozes de outros autores, de realidades diversas, de outras culturas, de outras regiões do país.

Renata: Acredito que sim. É muito importante que os negros, que formam mais da metade da população brasileira, sejam representados e se vejam

representados.



Na ficção, negros ricos quebram paradigmas ou escondem a realidade da maioria da população? (Foto: Reprodução)

Muitos telespectadores criticam a presença de personagens negros bem sucedidos nas novelas, argumentando que a dramaturgia às vezes mascara a realidade da maioria dos negros, mas também há muitas críticas por atores que geralmente só fazem os mesmos papéis de subalternos. Como lidar com isso?

Walcyr: O autor tem que escrever movido por suas ideias, sua inspiração. Seus princípios apareceram claramente, porque ninguém consegue mentir quando escreve com o coração.

Duca: Com honestidade. A gente tem que tentar retratar a realidade da maneira mais honesta e humana possível.

Renata: Se houvesse mais papéis para negros, não haveria esse problema. Não vejo problema no negro fazer o empregado. O problema é só ter esse

personagem negro no produto. Há brancos fazendo toda sorte de personagens. É ridículo ter uma favela sem negros, por exemplo. Mas por que não ter também um negro advogado, arquiteto, artista, contador. Negros estão em todos os lugares da nossa sociedade apesar de ainda serem maioria na população pobre exatamente por conta desse racismo estrutural.

Daniel Ribeiro

Atrizes e atores negros da TV ganham menos que colegas brancos

Segundo levantamento da Variety, a TV americana ainda está longe de atingir a igualdade

[\(Superinteressante, 07/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Siga o dinheiro. O bordão, imortalizado em *Todos os homens do presidente* (1976), é uma boa dica para investigar esquemas de corrupção, mas é também uma boa dica para quem quiser saber para onde sopram os ventos em Hollywood. Em tempos de um número crescente de seriados de prestígio na telinha, a atual Era de Ouro da TV americana tem se mostrado um bocado lucrativa - principalmente para quem é branco.

É o que mostra um levantamento feito pela *Variety*. A revista conduziu uma pesquisa abrangente entre atores, executivos, agentes, advogados, gestores de carreira e outros representantes para oferecer um retrato da remuneração das grandes estrelas em programas atualmente em exibição na TV americana.

Para além de uma grande quantidades de zeros (que faz qualquer um

contemplar mais longamente para o próprio contracheque), outros números chamam a atenção em análise feita pela *Newsweek*. Na categoria de comédia, por exemplo, entre os 33 atores e atrizes mais bem pagos da televisão, apenas sete não são brancos.



Lauren Graham e Alexis Bledel (*Gilmore Girls*), Viola Davis (*How to Get Away with Murder*), Kerry Washington (*Scandal*) e Ellen Pompeo (*Grey's Anatomy*)

Entre os não-caucasianos, quem tem o pagamento mais gordo é Dwayne “The Rock” Johnson, que, sendo também nome de destaque nas telonas, fatura 400 mil dólares por episódio da série *Ballers*, exibida na HBO. Um salário respeitável, é verdade, mas há significativas casas decimais de distância entre ele e os três primeiros nomes da lista: Jim Parsons, Kaley Cuoco e Johnny Galecki, trio principal de *The Big Bang Theory* que fatura a bagatela de 1 milhão de dólares por episódio.

Olhando para o topo da lista em todas as categorias é possível ver grandes veteranos, como Mark Harmon (de *NCIS*), Mariska Hargitay (de *Law & Order: SVU*) e o popular elenco de *Game of Thrones*, todos na faixa de 500 mil dólares por episódio. Também no topo está o elenco de voz de *Os Simpsons*, que leva 300 mil dólares por episódio - quantia semelhante ao que os grandes nomes da telona Drew Barrymore e a dupla Emma Stone e Jonah Hill recebem agora na Netflix, nos seriados inéditos *Santa Clarita Diet* e *Maniac*. Já na outra ponta da lista, com salários mais “modestos”, um padrão pode ser notado: atores e atrizes pertencentes a minorias raciais cujo prestígio e prêmios no currículo estão em descompasso com a sua remuneração.



Sofia Vergara (*Modern Family*), Mindy Kaling (*The Mindy Project*), Anthony Anderson e Tracee Ellis Ross (black-ish), Gina Rodriguez (*Jane the Virgin*)

Mesmo que seja verdade que o montante recebido por episódio pela maioria das estrelas seja mais dinheiro do que a maioria das pessoas já viu na vida, é

a diferença de remuneração que merece destaque - principalmente no que se refere à questão racial. No ano em que a falta (recorrente) de atrizes e atores negros entre os nomeados ao Oscar ganhou as manchetes, a TV mostra que a questão de diversidade na tela é ainda mais profunda. E, olhando para o restante da lista, é fácil perceber que o salário avantajado de The Rock é uma exceção.

Na categoria de comédia, a colombiana Sofia Vergara é a atriz não-branca mais bem remunerada, levando 250 mil dólares por episódio de *Modern Family*, junto de seus outros colegas do elenco adulto. Três posições abaixo, aparece Mindy Kaling, de *The Mindy Project*, que recebe 140 mil por episódio. Nas últimas colocações, Tracee Ellis Ross, filha de Diana Ross e nomeada ao Emmy por sua atuação em *black-ish*, tem remuneração de 80 mil por episódio, enquanto seu colega de seriado Anthony Anderson recebe 100 mil, colocando-os bem atrás do elenco de séries como *The Middle* e *Last Man Standing* - vale notar ainda que a diferença de remuneração dos dois protagonistas também chama a atenção, já que, como o levantamento aponta, a maioria das séries tem pagamento equivalente para o elenco principal. Já em surpreendente último na lista de comédia, com pagamento de 60 mil por episódio, está Gina Rodriguez, atriz premiada com o Globo de Ouro e elogiadíssima por sua atuação em *Jane the Virgin*.

No topo da categoria de drama estão as *Gilmore Girls* Lauren Graham e Alexis Bledel, que receberam 750 mil por cada um dos quatro episódios do revival da série ainda inédito na Netflix. Duas grandes atrizes negras só aparecem na metade da tabela: Viola Davis e Kerry Washington, as estrelas das séries criadas por Shonda Rhimes *How to Get Away With Murder* e *Scandal*, respectivamente, recebem 250 mil dólares por episódio. Enquanto isso, Ellen Pompeo, protagonista de *Grey's Anatomy*, também criada por Rhimes, recebe 400 mil dólares por capítulo.



Taraji P. Henson e Terrence Howard, protagonistas de *Empire*

Mais surpreendente é a posição em que aparecem Terrence Howard e Taraji P. Henson, ambos previamente nomeados ao Oscar. Os atores, que lideram o

elenco de *Empire* - eleita a melhor série do ano pela Associação de Críticos de Televisão em 2015 e que chegou a ter público de 16 milhões de espectadores - recebem 175 mil por episódio.

Quem tem espaço e voz em Hollywood ainda é uma questão de raça. Na TV podemos celebrar uma maior diversidade - mas ainda estamos longe de atingir a igualdade.

Internautas criticam machismo em estreia de ‘MasterChef Profissionais’

O primeiro episódio de “MasterChef Profissionais” (Band), exibido nesta terça (4), foi marcado por muita pressão e atitudes machistas, na avaliação de internautas.

[\(F5/Folha, 05/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

O clima pesou na última das três provas eliminatórias. Isso porque os piores colocados dos dois testes anteriores tiveram que passar por uma avaliação de serviço: Sob o comando da chef Paola Carosella, Izadora, João, Marcelo e Rodrigo cozinharam dois menus e serviram 30 convidados.

Durante a prova, João desacatou uma ordem de Paola e chegou a rir. “Quando eu estou falando, você me escuta. O dia que você comandar um restaurante você vai deixar as pessoas falarem desse jeito com você?”, perguntou a chef.

No mesmo bloco, o professor de gastronomia estava recebendo outra bronca quando se virou para conversar com o colega de bancada e deixou Paola falando sozinha. Visivelmente irritada, ela disse “faça o que você

quiser”.

Por conta da desorganização dos participantes, Ivo e Dário, os melhores das avaliações anteriores, foram convocados. Mas a “ajuda non grata” de Ivo irritou Izadora, que afirmou ter se sentido prejudicada pela postura do cozinheiro.

O candidato assumiu a bancada e passou a dar ordens para a colega. “Ele teve uma atitude horripilante comigo. Para quem está nesta bagunça, ele vira uma pessoa do mal, meu inimigo. Isso começa a me prejudicar, me senti completamente desrespeitada”, desabafou.

Ela já havia se irritado com Ivo no bloco anterior, quando ele apontou para outro participante um erro de técnica dela. “Eu estou aqui, pode falar comigo.”

Izadora, Eliane e Fernanda foram as três eliminadas da noite.

Nas redes sociais, o comportamento de Ivo e João foi considerado machista por parte do público.

‘Ainda faltam papéis para a mulher negra’, diz Ruth de Souza

Filmes da atriz estão em cartaz em mostra no CCBB, no Rio

[\(O Globo, 08/09/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Em cartaz no Central Cultural Banco do Brasil até a próxima segunda-feira, a mostra Pérola Negra: Ruth de Souza traz a filmografia da artista carioca, hoje com 95 anos. Primeira atriz negra a encenar um espetáculo no Teatro

Municipal (“O imperador Jones,” de 1945) e a protagonizar uma novela (“A cabana de Pai Tomás”, de 1969), Ruth ficou consagrada no cinema por trabalhos em longas como “O assalto ao trem pagador” (1962), de Roberto Farias, e “Sinhá Moça” (1955), de Tom Payne e Oswaldo Sampaio. Ela diz, nesta entrevista, que é uma alegria ter o trabalho reconhecido e conta quais foram os papéis que mais a marcaram.

A senhora foi pioneira em diversas áreas, e muitos atores te creditam pelo que conquistaram. Como encara esse reconhecimento?

É uma alegria imensa ter o trabalho reconhecido. As pessoas dizem que abri portas, mas nunca parei para pensar sobre o assunto. Trabalhei muito nesses 70 anos de carreira. Nunca parei, o que é algo difícil para qualquer ator no mundo, ainda mais para um ator negro.

Além de talento, o que acha que foi essencial para seu sucesso?

Acho que as pessoas foram generosas comigo. Fiz teatro e cinema. Quando acabava um contrato, já surgia um outro convite e eu recomeçava a trabalhar no dia seguinte. Repito: nunca fiquei parada. E isso porque, antigamente, a cor da pele era uma característica muito marcante. Hoje, graças a Deus, a situação melhorou.

Como vê a representação da mulher negra no cinema?

Ainda faltam bons papéis para a mulher negra, mas é difícil explicar de quem é a culpa. Pode ter muitas origens.

Dos papéis que fez no cinema, qual foi o mais marcante?

Com certeza, o de “Sinhá Moça”. Concorri ao Leão de Ouro, no Festival de Veneza, e a repercussão foi muito grande. Mas também tenho um carinho especial por “O assalto ao trem pagador” e “Filhas do vento” (2004, de Joel Zito Araújo).

A senhora começou no teatro e se consolidou no cinema.

Temos histórias maravilhosas no Brasil que podem ser contadas ao mundo através do cinema. Fiz 20 e tantos filmes e gostaria de fazer muito mais. Mas,

no fim do dia, cinema, televisão e teatro são iguais para mim. A única coisa que realmente importa é a qualidade do papel que você interpreta. A mídia, nesse sentido, não tem relevância.

STF libera emissoras para definir horário da programação

Canais continuarão obrigados a estampar o selo de recomendação etária do programa no início da transmissão

[\(O Globo, 31/08/2016 - acesse no site de origem\)](#)

O Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou nesta quarta-feira a regra da classificação indicativa que obrigava emissoras de rádio e de televisão a exibir programas em horários autorizados pelo Ministério da Justiça. Em caso de desobediência, o canal ficava sujeito a punição. Agora, não existe mais a sanção. As emissoras continuarão obrigadas, entretanto, a estampar o selo de recomendação etária do programa no início da transmissão, como está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A ação direta de inconstitucionalidade questionando a norma foi proposta pelo PTB em 2001, com o apoio da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert). O julgamento começou em 2011, mas foi interrompido várias vezes por pedidos de vista. A votação foi concluída com placar de sete votos a três.

Votaram pelo fim da punição às emissoras os ministros Dias Toffoli, Luiz Fux, Cármen Lúcia, Teori Zavascki, Marco Aurélio Mello, Celso de Mello e Carlos Ayres Britto, já aposentado. Eles argumentaram que a norma fere a garantia constitucional da liberdade de expressão, pois limita as empresas a seguirem recomendação imposta pelo poder público.

Toffoli, que é relator do processo, afirmou que a possibilidade de multar o veículo de comunicação é uma forma de censura. O relator explicou que a classificação indicativa deve ser apenas uma informação para a família sobre a faixa etária para a qual o programa é direcionado. Portanto, deveria ser usada pelos pais como uma ferramenta, não como uma imposição do poder público.

— Mais importante seria o Estado, ao invés de ficar tão preocupado com sanções, fazer programas publicitários contra a violência doméstica e a violência contra crianças. Esse trabalho pedagógico é muito mais importante. Nessa realidade em que vivemos, muitas crianças assistem à violência no mundo real, não na televisão. O que acontece nas favelas é muito pior do que assistir a um programa ficcional — declarou Toffoli.

— Cabe a cada núcleo familiar e a cada indivíduo decidir sobre a conveniência de submeter-se a programação das emissoras de televisão. Os pais, e não o Estado, têm a prerrogativa de dirigir a criação e a educação dos filhos — argumentou Marco Aurélio.

Teori afirmou que a Constituição Federal permite a indicação da classificação com relação à idade, mas não a sua imposição às emissoras:

— O texto constitucional formatou um modelo prevendo que a competência da União para classificar tem efeito indicativo, cabendo ao poder público, por lei federal, apenas informar sobre a natureza das diversões e espetáculos.

Por outro lado, Edson Fachin, Rosa Weber e o presidente do STF, Ricardo Lewandowski, votaram pela manutenção da multa às emissoras. Para esses ministros, o Estado pode cumprir um papel importante no sentido de ajudar as famílias na formação das crianças.

— Temos uma sociedade no Brasil extremamente estratificada. A grande massa não tem condições de controlar o que entra pelas suas casas. É preciso confiar minimamente no Estado. Classificação indicativa não se confunde com censura — ponderou Lewandowski.

Dez ministros do STF defenderam, no entanto, a continuidade da classificação. Ou seja, no início dos programas, a emissora deve informar

qual a faixa etária recomendada para as imagens que serão exibidas. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a emissora que descumprir a classificação indicativa está sujeita ao pagamento de multa e, em caso de reincidência, a programação pode ser retirada do ar por até dois dias. Para a minoria dos ministros do STF, essa regra é uma forma de censura. Apenas o ministro Gilmar Mendes não participou da votação.

Em 2011, a Advocacia Geral da União (AGU) e o então procurador-geral da República, Roberto Gurgel, defenderam a legislação em vigor. Eles lembraram que a Constituição lista entre os deveres do Estado a proteção à criança e ao adolescente. Por isso, o poder público teria a obrigação de regular o acesso da audiência a programas inadequados.

Carolina Brígido

Por que Hollywood tem problemas com garotas pouco femininas?

(BuzzFeed Brasil, 17/08/2016) Todos nós conhecemos muito bem a clássica transformação de Hollywood. Uma linda atriz que devemos acreditar que é desleixada (porque seu cabelo está um pouco bagunçado) ganha uma chapinha e um pouco de maquiagem e então vira a rainha do baile.



Onze (Stranger Things) e Allison (Clube dos Cinco) após suas transformações (Foto: Netflix / Universal Pictures)

Uma das transformações mais famosas é a do “Clube dos Cinco”, de John Hughes, filme responsável por lançar milhares de clichês que perduram até hoje. Allison, interpretada por Ally Sheedy, vai de uma inútil nojenta (na visão de Hollywood) para uma linda jovem com a ajuda da personagem de Molly Ringwald (quem mais poderia ser?). A esquisitona feiosa é curada ao se tornar bela aos olhos de adolescentes.

“Stranger Things”, série de ficção científica da Netflix, é uma grande homenagem aos filmes do gênero dos anos 80. E como reviver metáforas fazia parte dos planos, uma transformação clássica era inevitável.

Dirigido e escrito por Matt e Ross Duffer, “Stranger Things” acompanha os desdobramentos do sumiço do menino Will Byers, no Estado de Indiana (EUA), nos anos 80. Seus amigos — um grupo de nerds que adoram Dungeons & Dragons — tentam encontrá-lo com a ajuda de uma fugitiva de um experimento secreto do governo, que foi transformada em uma arma telecinética. O nome, assim como a idade aproximada da fugitiva, é Onze.

Interpretada pela muito talentosa Millie Bobby Brown, Onze tem os olhos arregalados e é desconexa, leal e valente. Seu cabelo é raspado, uma vez que os pesquisadores estavam sempre conectando e reconectando fios à sua cabeça. Sua transformação iminente, portanto, é diferente da fórmula básica garota-estranha-para-garota-bonita. Onze foi criada de uma maneira brutal e, presumivelmente, sem atenção ao gênero. Mas uma transformação é uma transformação.

O amigo de Will, Mike (Finn Wolfhard), em cujo porão Onze busca refúgio, ajuda a menina a colocar a maquiagem e as roupas de sua irmã mais velha, para que Onze possa visitar sua escola sem levantar suspeitas. O resultado final — ornamentado, feminino, rosa — faz Onze parecer uma versão em miniatura de Ally Sheedy.

Onze toca em sua nova peruca loira na frente de um espelho na casa de Mike. “Você está bonita”, diz Mike. “Bonita?”, pergunta ela, sem saber se acredita. É uma palavra que ela vai repetir algumas vezes ao longo da série — olhando para seu reflexo e vendo a forma como Mike olha para ela.

Enquanto Onze se esforça para compreender outras palavras que os meninos apresentam, “bonita” é uma que ela entende imediatamente e intimamente. Ela teve sua infância roubada, mas ter a beleza negada parece ter sido uma das maiores tristezas de sua curta vida.

Onze faz parte de um longo histórico de personagens mulheres cujo valor é determinado por seu apelo romântico para os meninos — ou seja, alguém que deve primeiro se tornar desejável antes que possa reivindicar plenamente algum mérito.

Essa premissa é ainda mais irritante em uma série onde Onze é (a) a heroína e (b) pré-adolescente. Por que ela precisa se preocupar em atrair garotos quando ela é, literalmente, uma criança — e uma preocupada em salvar as pessoas de um perigo mortal?

Mesmo que Onze não tenha escolhido ter seu cabelo raspado, “Stranger Things” presume que o ultrafeminino é o padrão, uma preferência natural e óbvia das meninas. A cultura pop nos diz que a forma masculina em uma menina é estranho, anormal, feio e ruim (ou seja, gay). A feminilidade é vista como uma cura para tudo: a garota bonita é a garota desejada pelos homens. E, em 2016, como nos anos 80, as personagens ainda devem cumprir essa expectativa.



As maria-razap de Motocrossed, Alguém Muito Especial e Driblando o Destino (Foto: Disney-ABC / Paramount Pictures / Redbus)

Garotas masculinizadas continuam sendo raras no cinema e na TV. E, quando elas aparecem, seu estilo é um problema a ser corrigido. Às vezes, a masculinidade da menina é meramente temporária, uma fantasia com prazo de validade — como com Andrea, interpretada por Alana Austin, no filme da Disney “Motocrossed”.

Andrea se veste como seu irmão gêmeo para poder competir como ele. Mas, tal como acontece com Amanda Bynes em “Ela é o Cara”, a garota de “Motocrossed” acaba com um namorado no final.

Em outros casos, a masculinidade em personagens mulheres é atribuída à sua esportividade. Então, os filmes trabalham duro para assegurar que — *não se preocupe!* — mesmo que a menina seja resistente e forte, ela ainda é bonita e desejada pelos meninos.

Em “Driblando o Destino”, de 2002, a personagem Jules (Keira Knightley) é uma jogadora de futebol de cabelos curtos que está constantemente sob suspeita de ser lésbica. Jules nega constantemente “as acusações”, e isso se torna uma das piadas do filme.

Apesar de Jules ter uma [quantidade absurda de química](#) com sua melhor amiga e companheira de equipe, Jess (Parminder Nagra), os telespectadores são constantemente lembrados da heterossexualidade de Jules, especialmente quando ambas, Jules e Jess, incompreensivelmente se apaixonam por seu treinador.

Por fim, há as personagens retratadas como se fossem garotos, um mano

entre mãos. Em outro filme dos anos 80 escrito por John Hughes, “Alguém Muito Especial”, Mary Stuart Masterson é Watts, adolescente da classe operária e melhor amiga de Keith (Eric Stoltz).

Watts ajuda Keith a tentar conquistar uma menina popular da escola, como um bom amigo faria, mas, no final, Keith percebe que está, na verdade, apaixonado por sua melhor amiga. E ele expressa seu sentimento dando a Watts um par de brincos que originalmente estavam destinados à garota que ele paquerava. Watts fica emocionada. Que maria-razão, afinal, não deseja um par de brincos?

Se a masculinidade de uma menina não pode ser corrigida, então ela é uma causa perdida: alvo de piadas, na melhor das hipóteses, ou uma monstruosidade, na pior.

A homossexualidade foi repetidamente demonizada ao longo da história do cinema. A [homossexualidade monstruosa](#) aparece tanto em filmes ganhadores do Oscar, como “O Silêncio dos Inocentes” e “Monster - Desejo Assassino”, quanto nos de terror dos anos 80. A homossexualidade é tratada como uma ameaça à heteronormatividade tal como Drácula: algo que ameaça, seduz e transforma suas vítimas — por meio da troca de fluidos corporais — tão vilões quanto ele.

Onze, de “Stranger Things”, não é uma ameaça tal como os vilões clássicos de filmes de terror são, mas, o que importa, é que ela se vê dessa maneira.

Quando os pesquisadores forçam os limites de sua telecinose, ela involuntariamente cria uma ruptura no espaço-tempo, abrindo uma porta para uma dimensão alternativa (o “Mundo Invertido”) e soltando um monstro no mundo real.

Conforme os dias passam e Will Byers continua desaparecido, Onze é devastada pela culpa. “Eu sou o monstro”, diz a Mike, com lágrimas nos olhos. Sua monstruosidade, ela sente, também se revela visualmente, por sua cabeça raspada. Em uma cena, depois de fugir de Mike e seus amigos, preocupada que poderia machucá-los ou piorar a situação, ela se inclina sobre uma lagoa na floresta e grita para o próprio reflexo. Se ao menos ela

fosse normal. Se ao menos ela fosse bonita.

“Stranger Things”, que faz referência ao trabalho de diretores como Steven Spielberg e John Carpenter, não só retoma a estética dos filmes dos anos 80, como também recupera uma política de gênero ultrapassada.

Onze é definida quase que exclusivamente por seus relacionamentos com homens: o horroroso médico que ela chama de “Papa”; os nerds que primeiro a rejeitam e depois a acolhem; e, mais significativamente, seu amigo Mike, que, depois de vê-la adequadamente afeminada, a beija e a convida para um baile da escola.

Mesmo que Mike ainda goste de Onze sem a peruca, que ela felizmente abandona, a transformação permite que Mike veja Onze como alguém capaz de se feminilizar (e vale lembrar que essas crianças estão na sexta série, são quase bebês). O heroísmo de Onze — e, em última análise, seu [potencial de martírio](#) — fica então ofuscado ao tornar a personagem parte de um romance frustrado.

No conjunto, “Stranger Things” faz questão de impedir quaisquer vestígios de homossexualidade em seus personagens. Valentões chamam Will, seu irmão e seus amigos de “bichas anormais”, mas o insulto é, em grande parte, vazio.

Mike tem seu par em Onze. O irmão de Will, Jonathan (Charlie Heaton), depois de tirar escondido fotos da irmã mais velha de Mike, Nancy, enquanto ela se despe perto de uma janela, torna-se confidente e amigo da garota. A nerdice hétero solitária é romantizada neste mundo — vista como algo menos vergonhoso do que a homossexualidade.

“Stranger Things” defende os nerds e os esquisitos, como já fez muitas obras da cultura pop dos anos 80. No entanto, ao colocar uma peruca em Onze e fazer de todos os personagens aparentemente heterossexuais, os roteiristas asseguraram que a estranheza dos personagens não saísse do controle. Ser homossexual e não se conformar com padrões de gênero ([ou cor](#)) — em um mundo com monstros e dimensões alternativas — poderia ser demais.



Nem todo personagem precisa ser LGBT (ainda que isso fosse bom). A questão não é apenas que não há personagens gays na maioria das séries adoradas e aclamadas pela crítica — o problema é que a maioria dos personagens não tem a oportunidade de ser outra coisa senão hétero.

Até mesmo personagens que têm permissão para ser abertamente gays são femininas: Emily e seus vários interesses amorosos em “Pretty Little Liars”; Clarke de “The 100”; basicamente todas de “The L Word” (Shane é meio que uma exceção, e ela usa uma tonelada de maquiagem). Lea DeLaria, como Boo em “Orange Is The New Black”, é uma das únicas verdadeiras sapatões na televisão hoje.

Se uma personagem feminina vai gostar de mulheres, ela, pelo menos, tem que “parecer hétero” para que sua homossexualidade não seja uma aberração tão grande. Quando os personagens para os quais deveríamos torcer pisam fora dos limites da heteronormatividade, logo eles são colocados de volta em seu lugar.

Mas Onze é uma criança. Nós não sabemos sua orientação sexual e não precisamos saber. No entanto, os irmãos Duffer sentiram a necessidade de lhe dar uma transformação e de colocá-la como par romântico de um menino. (Ela poderia crescer e ficar com meninos e meninas, é claro, ou com absolutamente ninguém, mas em nossa cultura se presume que as meninas são hétero, a menos que se prove o contrário; nesse caso, elas são [menosprezadas e desacreditadas](#).)

Não importa sua orientação, Onze simplesmente não merece ser reduzida a uma trama romântica. Mesmo que Winona Ryder tenha feito um retorno

triunfante como a mãe de Will, mesmo que Nancy (Natalia Dyer) possa disparar uma arma muito bem e mesmo que [#WeAreAllBarb](#), “Stranger Things” reflète o universo de um menino. E, de acordo com as leis da cultura pop, os meninos ainda têm que completar sua missão heroica e conquistar a garota.

Outro grande sucesso do momento, “Caça-Fantasmas”, de Paul Feig, foi celebrado precisamente porque as personagens femininas não podem ser vencidas. Elas existem por direito próprio, como salvadoras do mundo, em vez de prêmios para o consumo dos protagonistas masculinos. É algo emocionante, principalmente porque as mulheres merecem ser as heroínas de suas próprias histórias.

No entanto, manter todas as personagens femininas sem compromisso também significa que “Caça-Fantasmas” não tenta impor a heteronormatividade. Erin (Kristen Wiig) flerta sem muito jeito com Kevin (Chris Hemsworth), mas Abby (Melissa McCarthy) está muito mais preocupada em sua amizade com Erin (e caçar fantasmas) do que expressar interesse romântico por alguém. Enquanto isso, Holtzmann (Kate McKinnon) seduz tudo que se mexe (e de uma forma que [não se limita](#) ao olhar masculino).

Pergunte a qualquer lésbica e ela lhe dirá que a personagem de McKinnon é tão obviamente homossexual que ela saiu da sessão de cinema de “Caça-Fantasmas” ainda mais gay do que quando entrou. Feig e McKinnon, [não confirmam](#) a sexualidade de Holtzmann, provavelmente devido à pressão do estúdio, o que é irritante. Mas, pelo menos, Holtzmann — que está longe de ser a pessoa mais feminina do mundo, com suas gravatas e macacões — não é punida por sua masculinidade ou fica com um cara aleatório.

A ascensão de Holtzmann vem um ano após outra forte personagem: Furiosa, de Charlize Theron, em “Mad Max: Estrada da Fúria”. Depois que Millie Bobby Brown, a atriz que interpreta Onze, raspou a cabeça para seu papel, ela ficou preocupada que tivesse cometido um grande erro — até que os irmãos Duffer lhe mostraram uma foto de Furiosa com o mesmo corte. “A semelhança era incrível!”, [disse Brown ao IndieWire](#). “Foi a melhor decisão que eu já tomei.”

Quanto mais vemos mulheres e meninas acolhendo representações não convencionais de gênero, menos difamadas essas representações se tornarão. Personagens como Furiosa e Holtzmann representam a possibilidade de que uma mulher pode ser masculina, ou gay, ou solteira, ou uma combinação dos três, sem que seja feminilizada à força, ganhe um namorado ou seja vista como um monstro.

“Stranger Things” poderia ter permitido que Onze forjasse amizades significativas e acabasse com monstros sem se preocupar com sua beleza. Algumas metáforas dos anos 80 realmente não valem a pena reviver — e a clássica transformação é uma delas.

Shannon Keating

Acesse no site de origem: [Por que Hollywood tem problemas com garotas pouco femininas? \(BuzzFeed Brasil, 17/08/2016\)](#)

Sete perguntas que a indústria do entretenimento precisa responder sobre estupro

(Gazeta do Povo, 11/08/2016) Quando críticos e executivos de televisão, bem como também os criadores e membros dos elencos de novas séries, se reúnem em Los Angeles para a turnê de imprensa da TCA, a Television Critics Association, que ocorre semianualmente, pode-se ter certeza de que certas coisas irão acontecer. Os críticos vão enlouquecer de passarem duas semanas confinados no salão de festa do hotel. O criador de alguma série vai soltar alguma nova verdade pesada, que todo mundo vai correr para registrar. E alguém vai dizer alguma coisa desagradável sobre violência sexual.

Eu mesma não estou na turnê da imprensa deste verão, porque tenho alguns outros projetos nos quais estou trabalhando. Mas nem de longe fico surpresa de ouvir que Casey Bloys, novo presidente da programação da HBO, se meteu em maus lençóis, verbalmente, quando Linda Holmes, da NPR, lhe fez uma pergunta sobre a frequência dos enredos que envolvem estupros nas séries do seu canal.

Nota-se que os departamentos de relações públicas não estão pressionando os executivos e artistas dos canais para que tenham respostas para essa pergunta, já que ela surgiu em todas as turnês de imprensa de que eu participei. Na pior das hipóteses, respostas mais dignas, mesmo que fossem apenas frases feitas, ajudariam a levar adiante as discussões sobre a representação de violência sexual, em vez de nos deixarem presos aqui nessa mesma lengalenga intelectual frustrante de sempre. Por isso, aqui vai uma lista de sete conjuntos de perguntas que farei na próxima vez que estiver numa turnê de imprensa, ou em qualquer ocasião em que elas forem relevantes.

1.

Vocês acreditam que a violência sexual é fundamentalmente semelhante aos outros tipos de violência? Se sim, por quê? Se não, então o que faz com que ela seja diferente? Ao responder à pergunta de Holmes, Bloys tentou apresentar a violência sexual como parte de uma estética de violência generalizada. Mas, dado o fato de que parte do público responde de maneiras diferentes a cenas de luta corporal, batalhas medievais e estupro, vale a pena provocar os executivos de modo a descobrir como eles mesmos se sentem em relação a classes diferentes de violência.

2.

Que coisas vocês têm a dizer a respeito da violência sexual, seja no contexto de uma única história ou na programação de todo um canal ou estúdio? Quando vocês consideram o panorama geral das narrativas no seu canal, vocês não se preocupam quando há certos elementos de enredo que são recorrentes em séries variadas, sobretudo quando esses mesmos

elementos são usados de forma semelhante em histórias diferentes? Eu acredito que a representação de violência sexual seja completamente razoável quando se conta uma história que tem a violência sexual como tema. Mas alegar estar representando cenas de estupro porque se quer discutir a questão de modo substancial não é o mesmo que fazer isso de fato. Eu gostaria de ver mais executivos e artistas cumprindo o que falam e discutindo as ideias por trás da violência.

3.

Se vocês acreditam que a sua exploração da violência “não é direcionada às mulheres em específico”, que histórias vocês estão contando ou planejam contar sobre experiências masculinas com violência sexual? **Vocês acreditam que as experiências de homens e mulheres com violência sexual são iguais ou diferentes?** Não vale piadinha com estupro na prisão.

4.

Filmar cenas de estupro, ou as consequências dessas cenas, é um processo difícil. Há regras determinadas pelos seus departamentos de padrões e práticas para esse tipo de cena, ou há certos ângulos que vocês tentam evitar porque podem levar a censura a dar uma classificação etária diferente a um filme ou episódio? Que condições vocês tentam preservar no set quando você ou os seus diretores filmam esse tipo de cena? Como os atores devem se preparar para essas ocasiões? **Para vocês, o que faz com que uma cena seja violenta e não erótica?** Aquilo que se vê na tela da televisão ou do cinema quase nunca é determinado só pela pura inspiração artística. É importante tornar visíveis as condições sob as quais os artistas e executivos trabalham e tomam decisões. E discutir certas decisões específicas é um gesto que pode nos aproximar dos artistas e das pessoas que produzem seu trabalho.

5.

Que histórias sobre violência sexual feitas por outros artistas vocês

admiram e por quê? Tem alguma história sobre o tema que vocês lembram de nome agora e que acreditam que foi mal feita ou desnecessária? Se sim, vocês poderiam explicar por que têm essa sensação? É preocupante quando diretores e criadores de séries tratam o estupro como um tempero que pode ser colocado em qualquer história para dar um toque picante a mais, porém também não gosto da ideia de partir da pressuposição de que cenas de violência sexual são ruins até que se prove o contrário. Eu gostaria de ouvir mais artistas e executivos falarem sobre essas histórias como parte de um gênero narrativo, que pode ser bem ou mal feito, e estabelecer alguns indicadores do que funciona ou não.

6.

Dada a natureza exaltada das conversas sobre violência sexual, **vocês têm qualquer hesitação a respeito de incluir enredos com estupro em histórias nas quais esse tipo de violência não é o principal tema da obra?** Eu acredito que a chave para se conduzir esse diálogo é tentar compreender se os artistas e executivos enxergam a violência sexual como uma classe especial de violência ou não.

7.

Vocês acham que a frequência de histórias sobre violência sexual fizeram com que elas se tornassem menos chocantes para os telespectadores? Vocês partem do princípio que o público tem certos níveis de conhecimento ou ideias compartilhadas sobre violência sexual que poderia não ter uns dez anos atrás? Há coisas que vocês sentem que têm permissão para dizer sobre estupro hoje que não poderiam ser ditas no passado? Eu entendo que a predominância de histórias sobre violência sexual é desgastante para alguns telespectadores. Mas é verdade também que os tabus em torno do tema impedem que haja diálogos, muitas vezes difíceis, sobre quem foi vítima, quem cometeu o estupro e o que poderia ter sido feito para evitá-lo. Se os artistas e os canais desejam insistir em tratar de violência sexual, eu terei muita curiosidade em pressioná-los para saber o que têm a dizer de diferente ou novo sobre o tema.

Acesso no site de origem: [Sete perguntas que a indústria do entretenimento precisa responder sobre estupro \(Gazeta do Povo, 11/08/2016\)](#)